

SOBRE A UTILIZAÇÃO DA CÂMERA FILMADORA EM PESQUISA NOS ASSENTAMENTOS.

ANDRÉ LUÍS GUERRA¹

Pretendemos, neste espaço, apresentar uma reflexão sobre a experiência da utilização da câmera filmadora nas pesquisas realizadas nos Assentamentos Bela Vista e Monte Alegre, ambos situados no município de Araraquara, Estado de São Paulo, com o intuito de oferecer elementos para a discussão acerca da viabilidade da utilização deste instrumento para a coleta de informações, registro de acontecimentos, depoimentos, entrevistas, histórias oral, bem como para a divulgação das pesquisas realizadas e de seus produtos e resultados.

A utilização da câmera filmadora é uma experiência relativamente nova em nossa pesquisa, mas é de nosso conhecimento que este instrumento já vem sendo utilizado em outras pesquisas, principalmente, no que diz respeito ao registro de acontecimentos e à realização de vídeos de divulgação. No entanto, não conhecemos debate acerca dessa utilização, principalmente, não conhecemos debate a respeito da utilização da filmadora na coleta de depoimentos oral. A perspectiva que se abre de substituição do gravador pela câmera filmadora, no que diz respeito à coleta de histórias oral, também, parece-nos, não foi debatida.

Desse modo, pensamos que se faz necessário uma discussão, a exemplo do que aconteceu sobre a utilização do gravador para esse tipo de pesquisa e que resultou em textos clássicos como de Maria Isaura Pereira de Queiróz² e outros da mesma importância. Assim, parece-nos pertinente nossa contribuição.

A utilização da câmera filmadora no registro de acontecimentos e cotidiano do assentamento.

¹ Pesquisador de Iniciação Científica do NUPEDOR- Unesp, Araraquara.

² Maria Isaura Pereira de Queiróz, *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação*. Ed. Ceru, SP, 1983.

A câmera filmadora nos tem sido fundamental para o registro de acontecimentos importantes dos assentamentos pesquisados. Esses acontecimentos são as festas comemorativas, as assembléias mais importantes, as visitas de políticos, etc. Também, tem nos servido para o registro da imagem e som do cotidiano dos assentados, permitindo-nos documentar os trabalhadores na sua vida diária, no seu trabalho, na sua luta, no seu lazer. O conjunto desse material registrado tem sido uma fonte importante de informações que auxiliam as atividades de reflexão da equipe. E aqui reside, a nosso ver, o fator de maior importância acerca da utilização da câmera filmadora nas pesquisas de assentamento: é o fato de criar a possibilidade do pesquisador trazer materializadas, registradas, documentadas aquelas informações, fruto de suas observações, que antes somente ficavam registradas em sua memória, ou documentadas na sua caderneta de campo ou no seu relatório de campo.

Não que a câmera filmadora venha ter o poder de tornar obsoleto o relatório de campo, a caderneta de anotações, porque isso está associado não somente ao registro de dados pura e simplesmente mas ao próprio exercício de observação metodológica³, porém, é instrumento complementar indispensável, uma vez que tem a força de registrar, inclusive, aquilo que escapa à atenção do pesquisador no momento, além de seu produto funcionar como um arquivo de dados, muitas vezes, mais eficiente que a memória do pesquisador, sem contar que a reprodução dessa memória-arquivo é mais fácil, mais rápida que a reprodução das informações da memória do pesquisador, que muitas vezes necessita de muitas e muitas páginas para descrever o que a imagem e o som falam em poucos minutos.

Outra vantagem da utilização da câmera filmadora é que ela permite ao pesquisador principalmente quando o objeto da observação é uma festa comemorativa, uma assembléia, ou o cotidiano do trabalho na lavoura, situações em que o pesquisador pode filmar de longe, uma relativa discrição, o que por sua vez, garante uma espontaneidade maior daquilo que é observado.

³ Conforme Florestan Fernandes in Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica, Ed. Companhia Editora Nacional, SP, 1959.

A informação que uma filmagem retém é uma informação viva, que, muitas vezes, não sofre a influência de intermediários, como é o caso das informações que são produtos dos relatórios de campo, informações influenciadas pela própria interpretação do pesquisador que as registra, ou seja, a informação do vídeo é a informação pura, como ela é, ao passo que a informação do relatório de campo ou da caderneta de anotações é uma interpretação do que é observado. No entanto, é preciso advertir que nem sempre a informação filmada é uma informação pura, pois, em determinadas situações o próprio direcionamento que o pesquisador dá à câmera, como a utilização do zoom, do close, ou a própria escolha por registrar um aspecto da realidade observada em detrimento de outro, já é uma interferência do pesquisador. Assim, é preciso tomar a objetividade da câmera como relativa, se é que se possa falar, nas ciências sociais, em objetividade absoluta.

Também, é importante ressaltar o caráter fragmentário da informação filmada, uma vez que ela registra parte de uma informação total, ou seja, ela retém uma parcela só do contexto no qual a informação se dá. Assim, um registro, por exemplo, das tradicionais festas juninas do assentamento, não esgota o contexto mais amplo em que a festa está inserida, o contexto do final das colheitas, das disputas políticas internas ou externas ao assentamento, da situação nacional da Reforma Agrária, da política econômica nacional, da atuação do Estado e outros agentes etc. Nesse caso, é preciso considerar que não se trata do registro da realidade, mas de somente um aspecto dessa realidade, de um fragmento do contexto mais amplo e que, separado de tal contexto geral, esse fragmento se torna um outro contexto. Assim é preciso cuidado pra não tomar esse novo contexto da informação, como sendo o contexto original, como se fosse, a informação, não um fragmento do contexto mais amplo na qual ela se dá, e do qual a câmera filmadora não consegue dar conta, mas a própria realidade. Entender, então, a informação registrada como uma recorte da realidade, e que em si tem, muitas vezes, pouco poder de informar sobre o seu contexto original mas que, sendo analisada criticamente e resituada pela análise num contexto mais amplo pode oferecer elementos que contribui para a compreensão da realidade pesquisada, é, a nosso ver, fundamental para a utilização adequada da informação filmada.

A filmadora funciona, assim, como uma outra memória que auxilia o pesquisador no seu trabalho de coleta de informações, registrando e arquivando aquilo que é observado. Tal arquivo constitui uma importante fonte de consulta para o pesquisador, servindo, muitas vezes, para reavivar em sua memória as informações colhidas, bem como para outros pesquisadores que necessitem de tais dados ou queiram deles tomar conhecimento.

A UTILIZAÇÃO DA CÂMERA FILMADORA PARA O REGISTRO DE DEPOIMENTOS ORAIS.

A utilização da câmera filmadora no trabalho de coleta de depoimentos oral, tem nos sido uma importante experiência. Esta experiência tem revelado a viabilidade da utilização do registro audiovisual do depoimento oral. As vantagens do uso da câmera filmadora vão desde o aspecto operacional, uma vez que torna mais prático, mais rápido, mais eficiente o trabalho chatíssimo de transcrição das falas, até o aspecto científico mesmo, uma vez que o registro audiovisual, ao contrário do registro do depoimento em gravador, permite o acesso aos gestos, às expressões faciais, aos movimentos do olhar e do semblante da pessoa que depõe. E se entendermos que a fala não é apenas a emissão de som mas a conjugação destes vários movimentos, concluímos que o registro audiovisual registra a fala em sua totalidade de movimentos físicos que remetem às condições psicológicas de sua expressão, ao contrário do rádio gravador que apenas registra uma parcela deste conjunto de movimentos, sendo, portanto, ineficiente para a compreensão do que se busca no depoimento, sejam as representações, o conteúdo da memória, ou simplesmente informações de ordem objetiva. Quanto às possíveis desvantagens de se filmar depoimentos, advoga-se que a principal delas seria a de prejudicar a espontaneidade do depoimento, inibindo, constringendo, intimidando o depoente, porque a câmera filmadora seria mais indiscreta que o gravador. Nossa experiência com a filmadora neste tipo de trabalho ainda é muito recente para que possamos apresentar conclusões favoráveis ou desfavoráveis a tais objeções, no entanto,

acreditamos que os problemas atribuídos à câmara filmadora também podem ser atribuídos ao gravador.

Com o intuito de trazer elementos para essa discussão, realizei a experiência de filmar depoimentos de um assentado do Assentamento Bela Vista, sobre sua história de vida, e de quem já havia depoimentos gravados . em outra oportunidade, também sobre sua história. A idéia era trabalhar, numa perspectiva comparativa , o conteúdo dos dois depoimentos, com o intuito de verificar se as diferenças que haveria entre um e outro eram resultadas de algo de natureza diferente daquelas que normalmente ocorrem devido às variações das circunstâncias, à variação da disposição e das condições psicológicas do depoente, à variação de suas opiniões, de suas lembranças, ou devido à ocorrência de um fato novo que viesse mudar suas representações de sua vida, de seu passado etc. Na verdade, o que se procurava saber é se a variação do instrumento utilizado para registrar o depoimento iria provocar alterações significativas no conteúdo de tal depoimento bem como se iria afetar significativamente o comportamento do depoente. Também, é claro, procurava-se comprovar as supostas vantagens da utilização da câmara filmadora em lugar do clássico gravador, tais como: a captação da fala total⁴, a melhor instrumentalização do material, etc.

Em relação ao comportamento do entrevistado, o fato dele ter tomado conhecimento de que o que seria registrado não seria somente sua voz mas sua voz e sua imagem pode ter provocado uma certa preocupação com a aparência, uma vez que ele pediu um prazo pra que tomasse banho. Porém, pode ser que isso não tenha acontecido em virtude da preocupação com a aparência, que ele sabia ficaria gravada, mas se levarmos em conta que o entrevistado se encontrava trabalhando, nessa oportunidade, é possível que ele quisesse se lavar unicamente para seu conforto. Ainda, sobre possíveis alterações no comportamento do entrevistado em virtude da câmara acreditamos que o fato de uma filmagem exigir uma maior preparação que o gravador - por exemplo, é preciso acertar o local mais adequado onde ela deve ficar, o enquadramento, o zoom, e a sua própria

⁴ Entende-se por fala total, o conjunto de movimentos que uma pessoa exercita no momento em que expressa um pensamento, tais como: os gestos, movimentos das mãos, movimentos do olhar, expressões faciais, etc.

instalação - pode provocar uma espécie de artificialidade da situação, o que por sua vez pode fazer com que o entrevistado não se sinta à vontade ou reaja de maneira não natural, prejudicando, assim, a espontaneidade do depoimento. No caso que experimentamos, procuramos instalar e regular a câmera de maneira discreta, sem chamar muito a atenção do entrevistado, e no momento em que iniciávamos as entrevistas e ao longo dela, sempre procurávamos desviar a atenção do depoente para o entrevistador. Ao analisarmos o resultado da experiência que realizamos, acreditamos que esses cuidados tenham provocado resultados positivos, uma vez que, em nossa opinião, não ocorreram alterações significativas no comportamento do entrevistado comparado à primeira entrevista com gravador. Mas, que fique claro, não acreditamos que a fala do entrevistado tenha sido totalmente espontânea, o que pensamos é que a câmera filmadora não prejudica mais a espontaneidade que o gravador. Ambos, assim como a própria presença do entrevistador, são inibidores da espontaneidade. Nesse caso, cabe ao pesquisador a habilidade para lidar com isto. Além do mais, já se disse que o que se procura num depoimento oral não depende tanto da veracidade do que é falado. Se for assim mesmo, o prejuízo da espontaneidade que a câmera provoca, sendo, em nossa opinião, do mesmo grau que o provocado pelo gravador, não a incapacita enquanto instrumento ótimo para registro de documentos orais.

Também se advoga que a câmera filmadora possa inibir o depoente, a ponto de prejudicar o conteúdo da entrevista. Quanto a isso, com base na experiência que realizamos, acreditamos que não ocorre senão no mesmo grau do gravador, e que é uma das contingências desse tipo de pesquisa. O que queremos com isto dizer é que o conteúdo de um depoimento oral pode ser bom, regular, ruim, péssimo, inútil, etc em razão da variação de muitos fatores, tais como: disposição do entrevistado em depor, competência do entrevistador em administrar a entrevista, condições e circunstâncias em que a entrevista está sendo feita, sendo, portanto, o instrumento que está sendo utilizado para o seu registro mais uma dessas variantes, e não a única. Em nossa experiência, constatamos que não ocorreram alterações significativas tanto no conteúdo do depoimento como também na sua qualidade, ao contrário, o conteúdo e a qualidade dele, podemos dizer, foram praticamente os mesmos da entrevista registrada no gravador.

Sendo assim, pensamos que a câmera filmadora não deve ser descartada como um instrumento inviável na coleta de depoimentos oral mas que, pelo contrário, suas vantagens a colocam muito à frente do gravador. Em nossa experiência, comprovamos isto. Em primeiro lugar, a diferença entre o ouvir a voz do depoente e o ouvir e ver o entrevistado falar vai um avanço muito grande. Quando da análise do depoimento filmado, podemos verificar que as expressões do rosto do entrevistado, seus gestos, seu olhar, muitas vezes falavam mais que as próprias palavras proferidas, outras vezes, sugeriam até mesmo o contrário do que o entrevistado dizia, revelava o que o entrevistado procurava esconder ou simplesmente enfatizava aquilo que o entrevistado só com os recursos da linguagem verbal não conseguia enfatizar. E ,ainda, se levarmos em conta as dificuldades de linguagem, comuns a estas pessoas por conta das mais diversas formas de violência a que foram e, muitas vezes, continuam submetidos esses trabalhadores na sua luta pela sobrevivência e cidadania, e a própria característica de fragmentação do discurso que resulta do esforço da memória fragmentada, somos levados a crer que a sua fala só pode ser compreendida na sua totalidade de movimentos físicos, e isso a filmadora registra, certamente, com muito mais eficiência que a memória do entrevistador.

O que se pode discutir é viabilidade ou não do procedimento da pesquisa de depoimentos oral, e a sua própria capacidade de explicação sociológica de alguma coisa mas essa não é a discussão que nos interessa fazer aqui, neste espaço. Interessa-nos sim discutir a técnica da filmadora no registro desses depoimentos, e isto nos parece viável, agora se é possível analisar esses depoimentos, e se essa análise tem valor científico, não é nossa questão.

Quanto à *instrumentalização do material colhido*, também não temos dúvida que o material filmado, até por ser mais completo, é de consulta mais agradável que a escuta de horas e horas de gravações. Além de ser possível, através da edição, destacar as partes mais significativas, facilitando, assim, a consulta que não tem fins analíticos, ou a discussão do depoimento pelo grupo, que poderá ser feita, antes mesmo da finalização da transcrição, que sabemos, demora razoavelmente. A transcrição também é mais prática, uma vez que o movimento dos lábios auxilia na compreensão de palavras que não foram bem escutadas, além de

possibilitar que o que está sendo transcrito fique mais próximo da fala do depoente, uma vez que a câmera, permitindo o acesso à fala total, permite transcrevê-la na sua totalidade, inclusive permitindo que seja citados movimentos físicos mais significativos.

A DIVULGAÇÃO DO MATERIAL COLETADO E DOS RESULTADOS DA PESQUISA ATRAVÉS DO VÍDEO.

A divulgação da pesquisa, das informações alcançadas, dos resultados conseguidos etc. Através da realização de vídeos tem sido prática comum entre aqueles que desenvolvem pesquisas de campo. No caso das pesquisas em assentamentos, parece-nos ser este um meio ideal para transmitir à sociedade a produção dos pesquisadores, principalmente, porque os assentamentos, estando distantes das cidades, são pouco acessíveis à população como um todo e são por isso, pouco conhecidos.

Assim, a realização de vídeos de divulgação contribui para aproximar os resultados da pesquisa à população, além de ser mais uma forma de materializar a produção dos pesquisadores.

Também contribui para aproximar as diferentes pesquisas sobre a mesma temática, uma vez que, divulgando as questões levantadas, as respostas propostas, possibilita um diálogo com os demais pesquisadores da área.

Por outro lado, serve como meio de militância para os pesquisadores que já estão convencidos da viabilidade da Reforma Agrária enquanto meio de democratização, cidadania e criação de empregos, através da divulgação dos assentamentos, dos problemas enfrentados em decorrência da ausência de projeto sério de Reforma Agrária por parte do Estado e da ausência deste Estado no que diz respeito a criação das condições de permanência na terra destes trabalhadores, bem como da luta diária destes trabalhadores para conseguir a própria sobrevivência num sistema no qual sobreviver, para os mais pobres, é cada dia mais difícil.